



Dom Pedro diz que os índios têm consciência de que o opressor é o mesmo e devem se libertar conjuntamente

Libertação indígena será total, garante Casaldáliga

José Humberto Fagundes

As várias nações indígenas de todo o país se sentem, literalmente, como se tivessem um sangue só. Têm consciência de que são oprimidas por um mesmo opressor e que devem se libertar conjuntamente, conforme ressalta Dom Pedro Casaldáliga. A principal consequência disso, segundo entende o bispo, é a criação de uma espécie de coletividade indígena, e uma visão crítica em relação ao branco. Ele acha que as mudanças ocorridas na Funai constituem apenas passos táticos. Dom Pedro denuncia com veemência a construção da estrada Transaraguaia, cujo traçado cortará o Parque Indígena do Araguaia, e atribui sua implantação aos interesses do superintendente da Sudeco.

Jornal de Brasília — O índio brasileiro está caminhando hoje na direção certa?

Dom Pedro Casaldáliga — Em primeiro lugar, é muito importante que a maior parte das nações indígenas venha se reautodefinindo, como os Xavante, Tapirapê, Karajá, Yanomani, Txukaramãe. Em segundo lugar, e não há contradição, tenho ouvido várias vezes a palavra do próprio índio em encontros e assembleias interindígenas: Eles se sentem literalmente um sangue só. Todos oprimidos pelo mesmo opressor e conscientes de que devem se libertar conjuntamente. Isso me parece também muito importante, pois tem criado a consciência de uma espécie de coletividade indígena. As lutas e caminhadas concretas de vários desses povos têm significado uma retomada de consciência da própria identidade, da própria força. Tenho ouvido vários índios dizerem que são índios e querem ser índios.

Eles estão de novo deixando o cabelo crescer, se pintando e se enfeitando com os enfeites culturais típicos, e dançando novamente as próprias danças. Isso inclui até setores da juventude indígena, já contaminados pelos modismos e ianquismos dentro da espécie e até nas camisas (faço um parêntesis aqui para dizer que parece que o brasileiro não tem nem palavras para colocar nas camisas e tem de importá-las). Mas há, sobretudo, um gesto concreto na defesa dos direitos das várias tribos e aldeias no que se refere à terra em particular. Muita terra tem sido retomada, conquistada e autodemarcada pelos próprios índios, além da ajuda explícita que se têm dado entre si os grupos indígenas. Isso me parece uma perspectiva de futuro cheia de esperança.

JBr — Mas em relação ao branco...
Dom Pedro — Destacar a visão crítica que os índios estão tendo frente ao branco me parece também muito importante, pois possibilita muito sua atitude política com relação a nós, além de um tipo de relacionamento intercultural do qual eles podem se beneficiar. Sempre tenho dito que sou visceralmente contra a integração. Entretanto, eu aceitaria, como é lógico, a interintegração cultural. Receberíamos deles muita coisa boa, no que diz respeito à natureza, em termos de partilha comunitária e de prescindir do lucro e da cobiça, de se valorizar a festa e a religiosidade (o índio é muito religioso, ao contrário do que pensavam muitos antropólogos até alguns anos atrás), e uma maior unidade na própria vida. O índio não tem a vida assim dividida em compartimentos como nós, em que uma hora é o trabalho, depois a festa, a reza, etc. O indígena tem uma vida muito mais unitária. Por outra parte, que eles receberem de nós o que temos de bom para lhes dar. Penso que haveria uma intercomunicação e uma interintegração benéfica a ambos.

JBr — Como o senhor vê o fato dos índios assumirem cargos de direção dentro da estrutura da Funai?

Dom Pedro — A prelazia de São Félix do Araguaia abrange todo o Parque Indígena do Araguaia e metade do Parque Nacional do Xingu. O fato histórico e importante é que agora esses parques sejam assumidos por dois índios. Megaron (diretor do Parque do Xingu) tem a vantagem de estar nesses dois úl-

timos anos vivendo a problemática e a caminhada de seu povo. Coxini (diretor do Parque do Araguaia) está um pouco distante, talvez excessivamente metido no meio oficial. Mas penso que o sangue vai se impor. Eu sempre, a priori, dou um voto de confiança ao índio frente ao branco, até se demonstrar o contrário. Quero prescindir das reais intenções da Funai (risos), mas o fato concreto dos índios assumirem esses cargos fará com que as comunidades indígenas de todo o país saibam distinguir entre interesses e interesses e inclusive entre pessoas e pessoas. Fará com que vejam o que a Funai pode ou não dar e o que depende das pessoas do órgão e do órgão mesmo e de sua política oficial.

Para as populações indígenas, haverá mais confiança e liberdade, pelo fato de poderem conversar com outro índio. Quero acreditar que Coxini ouvirá a voz do sangue, embora vá ter as tentações da corrupção, que infelizmente teve boa chance de aprender em Brasília (ele



Na segunda reportagem da série que publicamos com Dom Pedro Casaldáliga, o bispo de São Félix do Araguaia fala da situação do índio no Brasil e diz que ainda não tem motivos reais e concretos para confiar na mudança da política oficial

trabalhou durante 11 anos na capital federal). Ele pode cair nesse pecado, que não é só do branco, mas do índio, do preto, do amarelo.

JBr — Os índios dentro da Funai poderiam ser vistos como indícios de mudança na política indigenista oficial?

Dom Pedro — Não tenho ainda motivos para confiar nisso. Penso que são mais passos táticos. As vezes, penso em passos orientados por certo desespero administrativo. A Funai vai indo mal, mal. Passa de umas mãos para outras praticamente piorando sempre. Talvez seja um gesto tático, noutro sentido, para que os críticos da Funai não possam sequer criticar. Se está nas mãos dos índios, o que é que se está criticando? Eu ainda não tenho motivos reais suficientes para confiar na boa vontade da política oficial.

JBr — Como estamos num ano de sucessão presidencial, seriam essas medidas apenas um passo político?

Dom Pedro — Bom, é evidente que o ministro Mário Andreazza não tem sido bom para a Funai. Foi na sua administração, no Ministério dos Transportes, que a estrada BR-080 cortou o Parque Nacional do Xingu. Essa é uma dívida histórica que o ministro carrega «per seculum seculorum» frente às populações indígenas do Brasil todo e da Ameríndia inteira. Mas a expectativa dele com relação à sucessão ajudada um pouco as soluções dos problemas indígenas.

JBr — Em relação a seu trabalho aqui na Prelazia, não é melhor lidar com índios em cargos de direção?

Dom Pedro — «A priori», sim. Mas nós temos sido «proibidos» de trabalhar. Eu nunca entrei no Parque do Xingu. Sempre me proibiram, como também me proibiram de entrar aqui nas aldeias da Ilha do Bananal. Inclusive, durante vários anos, com ordem de prisão se eu entrasse. No entanto, temos começado a trabalhar com os Karajá, por causa dessas duas aldeias mais largadas, do lado de cá do Araguaia (no Estado do Mato Grosso). Os índios nos acolheram e es-

tamos aí tentando trabalhar e acho que prestando um serviço.

JBr — Qual a explicação para esse medo, vamos dizer assim, de seu trabalho, que leva até a se determinar uma ordem de prisão?

Dom Pedro — É fácil de explicar. Há uma contradição entre a política deles e a minha. Eu acredito plenamente na autoridade dos povos indígenas do Brasil e da Ameríndia toda, como sendo outros povos, outras nações. Por causa disso, têm direito a um território totalmente respeitado, inclusive com categoria internacional, com plena autonomia para a evolução de sua cultura, como a de qualquer cultura de povo livre e independente. Não sou ingênuo e sei perfeitamente que esses povos indígenas, sobretudo no Brasil, são minorias e estão dentro de um estado constituído e dentro de suas fronteiras, justas ou injustas, arbitrarias ou não. Mas mesmo estando dentro do Estado brasileiro, podem e devem ser considerados como outros povos, outras nações, com autonomia e respeito total, em primeiro lugar a suas terras, sua língua e sua cultura. Enquanto a política oficial não aceitar isso estaremos em pleno desacordo.

JBr — Como o senhor vê a situação da Ilha do Bananal?

Dom Pedro — A Ilha tem uma grave ferida em cima dela hoje. Uma ferida quase mortal, que é a estrada que se está abrindo ao Norte, sobretudo por interesse e cobiça do superintendente da Sudeco, René Pompeo de Pina, que tem uma fazenda perto de Santa Terezinha. Eu sei de um governador de Estado que disse, confirmando o que digo, que realmente a estrada sai porque o superintendente da Sudeco quer. Você sabe que até setores da Funai se opunham, bem como setores do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), sobretudo a admirável doutora Maria Tereza, que se opunha energicamente e teve de se demitir por causa dessa estrada. Entretanto, a estrada está lá. Eu esperaria que ainda houvesse consciência nesse Brasil e dignidade em alguns setores das autoridades para impedir essa estrada.

JBr — Essa é a chamada rodovia Transaraguaia...

Dom Pedro — Ela corta a Ilha do Bananal na altura da cidade de Santa Terezinha, entre a parte florestal e a indígena (2/3 da Ilha constituem o Parque Indígena e o resto é reserva florestal) e prejudicará tanto uma parte quanto a outra. Será o turismo, a cachaça e a prostituição. Mais grave ainda, trará a insegurança para os índios Karajá, Javaé e Tapirapê. Representará ainda uma maior poluição do Rio Araguaia, que já não é o que era. Hoje, em muitos aspectos já foi um paraíso de fauna e flora. A estrada praticamente passa em cima da aldeia do Boto Velho, a mais sagrada para os índios Karajá. Por outro lado, será mais uma Transamazônica. E dinheiro gasto à toa, porque esta estrada não aguentará as enchentes, e todos os moradores da região sabem muito bem disso. Além do interesse pessoal corrupto, deve haver também corrupção na negociata.

JBr — Como está a relação índio/posseiro?

Dom Pedro — Você poderia dizer índio e fazendeiro, porque é o grande criador e fazendeiro que sobretudo atrapalham, pois eles mantêm muitas cabeças de gado dentro da Ilha. Há, no entanto, os pequenos criadores, que seriam posseiros-criadores, mas que como tais atrapalham bem menos. Agora, sempre defendi o seguinte: Para deixar as coisas claras, a Ilha é dos índios e deve ser dos índios toda ela. Esses pequenos criadores, que são lavradores, brasileiros, têm pleno direito a uma terra garantida em outro lugar. Eles já foram tocados ou pela seca, ou pelos latifúndios, ou por essa situação toda de insegurança do homem do campo no Brasil, onde há uns 30 milhões de retirantes. De acordo com estatísticas do próprio Incra, suspeitas nesse particular, são aproximadamente 12 milhões de famílias sem terra, ou sem terra suficiente. E preciso se fazer alguma coisa, pois do contrário as terras da Ilha não serão nem para os índios, nem para os pequenos criadores, mas para os grandes fazendeiros e para o turismo.